

“Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por sistemas ideológicos de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou. (Trecho do discurso de Jair Bolsonaro, na abertura da Assembleia Geral da ONU em setembro de 2019).

Origem da palavra: Do grego, *idea* que significa imagem e *logos*, pensamento.

“Ideologia” é uma palavra comum, daquelas que a gente lê ou ouve e acha que sabe exatamente o que é. Mas não é bem assim. Ideologia é um conceito denso e complicado. Nenhuma outra categoria política é empregada com sentidos tão diversos e contraditórios. O filósofo inglês Terry Eagleton, por exemplo, lista 16 significados possíveis para ideologia. Este verbete não pretende abordar essa complexidade; apenas faz uma breve jornada através da invenção e reinterpretação do conceito. Nesse passeio, paramos em estações que nos ajudam a entender por que “ideologia” é tão importante e tão central no cenário político atual.

A RELAÇÃO ENTRE IDEIA E MATÉRIA

A divisão entre “esquerda” e “direita” se estabeleceu no vocabulário político no final do século 18, durante a revolução francesa, porque era assim que as forças políticas, conservadoras e revolucionárias se sentavam na assembleia. Foi então que Destutt de Tracy criou o conceito de ideologia como uma “ciência das ideias”. Ou seja, um método científico para examinar como as ideias surgem, se reproduzem e desaparecem. Os intelectuais que usavam o termo eram chamados de ideologistas. Após a restauração da monarquia, Napoleão os acusou de subverter a moralidade e o patriotismo com suas especulações inúteis (conferir verbete “Patriotismo”). Foram, sobretudo, atacados pelo imperador porque se opunham à restauração da escravidão e à inclusão do ensino religioso na educação pública. Esse ataque estava alinhado com outras reações conservadoras frente à revolução.

Na segunda estação dessa excursão, poucas décadas mais tarde, encontramos Marx e Engels refletindo intensamente sobre ideologia. O que escreveram sobre o assunto está espalhado em muitos textos. Os mais importantes são a *Ideologia*

alemã, o prefácio da *Introdução à economia política* e alguns trechos do famoso *O Capital*. Simplificando muito, essas elaborações comportam uma tese e duas linhas de interpretação.

Segundo Marx e Engels, a separação entre ideias e matéria, presente nas teses originais sobre o que é ideologia, é artificial. Para eles, não é a consciência que determina a existência humana, mas sim as condições materiais da existência humana que determinam as consciências. Daí se desdobra a primeira vertente de interpretação: ideologia é como um véu que encobre a dominação e a exploração inerentes ao capitalismo, mistificando o papel que estado e religião desempenham nesse mascaramento, ou seja, falsificação ou falsa consciência. Marx e Engels também usam o conceito para examinar o surgimento e a organização das ideias que explicam o mundo e sustentam suas desigualdades e injustiças.

Ainda hoje, o termo ideologia é usado para, de um lado, criticar a falsa consciência e, de outro, para analisar ideias, instituições e práticas sociais que sustentam a relação das pessoas entre si e delas com o mundo. A relação entre ideologia e linguagem ilustra bem essa relação. No livro *A questão da ideologia*, o filósofo Leandro Konder nos diz que as palavras refletem os valores das sociedades e suas estruturas desiguais. Já o linguista estadunidense John McWhorter considera que mesmo se as palavras não determinam, elas empurram as ideias em certas direções.

Essas elaborações foram vigorosamente repudiadas pelos defensores da ordem estabelecida, foram criticadas por vozes seculares e, como lembra Gabriela Arguedas, também por documentos papais da segunda metade do século XIX. Nesses embates, se instala a falsa equivalência entre ideologia e marxismo. Para falar de ideologia, é preciso falar de Marx e Engels, mas, como vimos, o conceito foi inventado por Tracy, um intelectual do liberalismo político. E, como veremos a seguir, depois de Marx, o conceito vem sendo usado e revirado por pensadoras e pensadores situados nos pontos mais diversos do espectro político.

A SIMPLIFICAÇÃO DA IDEOLOGIA

Nessa rota, precisamos estacionar nos tempos que vão desde o surgimento dos partidos políticos socialistas até a revolução russa de 1917. Foi nesse período, em particular no processo revolucionário, que se estabeleceu a interpretação marxista leninista de ideologia. Essa interpretação se baseia na tese de Lênin segundo a qual as relações econômicas (“infraestrutura”) prevalecem sobre as ideológicas (“superestrutura”), sedimentando uma concepção dual e economicista de ideologia.

Nessa passagem, a crítica marxista original do estado como estrutura de dominação ideológica foi esvaziada. Mais tarde, o stalinismo fixou uma visão historicista e dogmática, ainda mais esquemática. Nessa visão, o marxismo, como “ideologia do proletariado”, se opõe à “ideologia burguesa”. Ao mesmo tempo, no mundo capitalista, em particular no campo do fascismo emergente, se cristalizavam discursos anticomunistas extremados. Essa polarização sobreviveu aos tempos e assumiu contornos ainda mais extremos quando nos anos 1940 se instalou a Guerra Fria. Como veremos a seguir, desde então, o debate sobre ideologia tomou muitas novas direções, mas os espectros dessa polarização não desapareceram nem mesmo após a queda do muro de Berlim em 1989.

OUTRAS MANEIRAS DE DEFINIR IDEOLOGIA

Desde a primeira metade do século XX, muitas autoras e muitos autores do campo da esquerda se dedicaram a pensar e repensar a questão da ideologia. A lista inclui Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Theodor Adorno e, depois da Segunda Guerra, Herbert Marcuse e Louis Althusser, entre outras e outros.

No contexto deste dicionário, Antonio Gramsci, pensador socialista italiano, é uma referência incontornável. Perseguido e condenado pelo regime de Mussolini, Gramsci produziu o conjunto principal de sua obra na prisão, onde morreu. Suas elaborações sobre ideologia estão marcadas pela experiência do fascismo, que contava com a adesão de grande parte da população. Essa adesão não podia ser explicada exclusivamente pela exploração econômica ou pela dominação de classe. Gramsci viveu uma realidade política catastrófica que exigia novos modos de pensar o problema da ideologia.

Ele criticou a concepção de ideologia como mera falsificação, assim como sua interpretação economicista. Para Gramsci, toda existência humana tem dimensões políticas, mesmo quando elas não são reconhecidas. Sobretudo, não há política sem ideologia. Por isso, ele revalorizou e enriqueceu o conceito de ideologia, que descrevia como “um teatro das ideias”. Nesse palco, a conexão entre ideias, por um lado, e a materialidade da condição humana, por outro, não é linear ou mecânica. Não é uma mera relação de causa e efeito.

Nos escritos de Gramsci, ideologia é muito mais que dominação econômica. É produzida e preservada em formações culturais, na memória histórica, na arte, nos meios de comunicação e também no senso comum. Sobretudo, para Gramsci, as disputas pelos projetos de sociedade e de mundo se dão em toda parte: no “chão

das fábricas”, para usar uma imagem clássica, mas também na vida privada, nas comunidades religiosas, nas escolas, nos aparatos estatais, nas manifestações artísticas e nos debates da esfera pública.

A partir dos anos 1960, Gramsci seria resgatado como pensador do socialismo democrático, pois seu pensamento oferecia instrumentos potentes para criticar tanto o autoritarismo do socialismo real quanto a dominação e exploração que persistiam no mundo capitalista. Suas ideias impulsionaram reformulações do pensamento progressista das quais falaremos a seguir. Também influenciaram processos políticos de redemocratização na Espanha, Portugal e na América Latina. E, paradoxalmente, também fertilizariam a reorganização política do campo conservador a partir do final dos anos 1970.

O “FIM DA IDEOLOGIA”?

Vamos parar de novo no período entre os anos 1970 e 1990, quando os debates extremamente polarizados sobre ideologia assumiram novos contornos. No lado esquerdo do espectro político, o determinismo historicista e o dogmatismo economicista do marxismo foram questionados. As elaborações sobre ideologia se deslocaram para a linguagem, o discurso, os símbolos, as instituições, as normas. Essa virada parte do entendimento de que as visões de mundo não podem ser dissociadas de como nomeamos o que vemos - ou seja, o que se define como real, objetivo ou material.

A crítica ao capitalismo não foi abandonada, mas novas lentes de leitura foram adotadas para examinar o que essa crítica deixava escapar, como as assimetrias entre as raças, os gêneros e sexualidades, que não podem ser exclusivamente explicadas pela dominação econômica. Também passam a ser examinados os efeitos de exclusão e hierarquização, produzidos por instituições, discursos e práticas até então considerados como isentos de ideologia. Um exemplo é a maneira pela qual o conceito de sexo é construído pela lei e pela biomedicina. Ou seja, concepções científicas e legais estabelecem definições de sexo que posteriormente são vista como naturais na vida social. São muitas as perspectivas que impulsionaram esse deslocamento. Elas incluem Foucault e Deleuze, mas também teóricas feministas como Joan Scott, Gayle Rubin, Judith Butler e pensadoras e pensadores da questão racial, como Stuart Hall.

Concomitantemente, à direita e ao centro do espectro político, Daniel Bell, Raymond Aron, e Seymour Lipsiet escreviam sobre “o fim das ideologias”. Para esses

autores, a polarização ideológica extrema entre capitalismo e socialismo era um “tigre de papel”. Segundo suas teses, desde a segunda guerra, as diferenças entre os dois sistemas estavam se diluindo. Ambos os sistemas compartilhavam o mesmo modo de produzir - o industrialismo - e garantiam condições de bem estar social equiparáveis. E, sob o impacto da burocracia e das novas tecnologias, suas esferas políticas e sociais se tornavam cada vez mais homogêneas. Esse enquadramento deixava escapar, entre outras coisas, o problema das desigualdades, inclusive entre esse “mundo industrializado e de bem estar” e o resto do planeta.

Com o fim da Guerra Fria (1989-1991), as teses sobre o “fim da ideologia” convergiram para o anúncio retumbante do “fim da história”, que instalou no imaginário político global o “realismo conformista do possível”.

A “IDEOLOGIA” RETORNA PELA DIREITA

Na turbulência intelectual de que fala a seção anterior, “ideologia” parecia estar perdendo vigor, mas, de maneira intrigante, a partir do final dos anos 1970, seu uso seria reativado à direita do espectro político. Esse ressurgimento, analisado no verbete “Marxismo Cultural”, tem sido interpretado como um giro gramsciano da direita. Nesse deslocamento, a partir de uma releitura de Gramsci, atores neoconservadores religiosos, sobretudo católicos, mas também aqueles e aquelas vinculados à direita secular, passaram a investir, pesadamente, em disputas culturais pela hegemonia política. Trinta anos mais tarde, os efeitos político-eleitorais desse investimento se mostrariam flagrantemente rentáveis na Europa e na América Latina, e também nos EUA (ainda que com características um pouco diferentes).

Hoje, no Brasil, e em muitos outros contextos, essas forças usam e abusam do termo “ideologia” como acusação de falsa consciência ou falsificação, sendo exemplo disso o bordão “ideologia de gênero” (conferir verbete). Algumas vozes da direita secular, evocando os pensadores do “fim da ideologia”, também condenam posições “ideológicas” como sendo “paixões infundadas” que já não teriam cabimento nas condições pragmáticas da política dos dias de hoje. O termo é usado por essas forças para fazer supor que quem propaga “ideologia” são sempre os outros, pois elas mesmas seriam ideologicamente neutras, isentas de vieses ideológicos. Esse é, aliás, o tom do discurso citado no início deste verbete.

CONCLUSÃO

Qual é a relação entre “politicamente correto” e “marxismo cultural”? Ou entre “ideologia de gênero” e “crisofobia”? Ou mesmo entre “racismo reverso” e “patriotismo”? Na superfície, parece não haver nenhuma relação, mas quando se olha mais de perto, percebemos que não é bem assim. O objetivo deste verbete é mostrar onde está a conexão. Esses vários bordões podem ser descritos como ramos de uma mesma árvore, cujo tronco é a confusão criada pelos neoconservadores e a nova direita em torno do conceito de “ideologia”. Para criar essa confusão, a complexidade do conceito foi esvaziada e o vazio resultante tem sido preenchido com fragmentos contraditórios das muitas interpretações de “ideologia” de que falamos nas seções anteriores. Resulta daí um espantalho, vestido com farrapos de Marx, Engels, Gramsci, da Escola de Frankfurt, do pensamento feminista e da teoria crítica de raça. Mas, quando viramos essa roupagem pelo avesso, encontramos um forro tecido com muitas vertentes do pensamento conservador, cujas fontes, autoras e autores, contudo, nem sempre são citados.

Uma dessas fontes parece ser, por exemplo, Vilfredo Pareto, pensador italiano do final do século XIX e começo do século XX. Segundo Pareto, ideologia é sempre uma deformação decorrente de sentimentos e crenças individuais e não pode nunca ser interpretada como efeito de estruturas sociais e políticas. Na sua visão de mundo, a natureza humana é primitiva, emocional e imutável, e a democracia uma fraude. Pareto também afirmava que os mais fortes terão sempre a melhor parte e que os mais fracos devem morrer para que a sociedade não se degenere. Soa familiar, não é mesmo?